



Sociedade



Vasco, de 1 ano, tem feito testes à Covid uma vez por semana, e já chora quando a mãe, Cláudia, o senta ao colo no laboratório de análises clínicas

FOTOS TIAGO SOUSA DIAS

COVID. NOVAS REGRAS DÃO AUTONOMIA

TESTAR OU NÃO TESTAR

O aumento dos casos positivos nas escolas obriga os pais a sujeitar os filhos à zaragatoa, várias vezes por semana. É uma forma de dar confiança, mas pode ser um exagero.

Por Susana Lúcio

Vasco, de 1 ano de idade, desata num pranto mal vê a técnica do laboratório de análises a abrir a embalagem da zaragatoa. “Assim que me sento com ele na cadeira, já sabe o que vem aí e começa logo a espernear”, conta a mãe, Cláudia Rodrigues de Carvalho. O menino tem feito testes frequentes à Covid nas últimas semanas devido a casos positivos entre as funcionárias da creche que frequenta. “Se os casos fossem em crianças, entenderia, porque eles partilham os brinquedos. Agora, as educadoras usam máscara. E se ele não tem sintomas, não percebo para quê testar.”

Desde o início do ano, que são as creches e as escolas a decidirem o procedimento perante um caso positivo nas salas. Até ao final de 2021, os casos positivos eram reportados ao delegado de saúde que, por sua vez, indicava se a turma ficava em isolamento ou não. Este ano, perante uma variante mais transmissível, mas menos grave, a Direção-Geral da Saúde emitiu novas orientações: só os alunos positivos e respetivas famílias ficam em isolamento, os colegas são considerados contactos de baixo risco e devem realizar testes laboratoriais PCR ou testes antigénios nas farmácias

até ao terceiro dia de contacto.

Mas a forma de atuar varia: há escolas que continuam a informar o delegado de saúde, para que este emita as prescrições de testes PCR; outras avisam os encarregados de educação de que há um caso positivo na turma e recomendam-lhes a realização de um teste antigénio. E outras exigem a realização de um

teste antigénio todas as semanas, para evitar ainda mais testes. É o caso do Centro de Ação Social de Palhais, no Barreiro. “As crianças estavam a fazer testes duas a três vezes por semana”, conta a educadora e responsável técnica da creche e pré-escolar Cátia Miranda. “Propusemos que enquanto surjam casos na escola, as crianças façam um teste antigénio de farmácia todas as semanas.” Foi indicada uma farmácia, onde o teste é feito com saliva, para evitar traumas. Como os testes são uma recomendação e a escola não pode impedir a entrada das crianças cujos pais se recusam a realizá-los, informou que crianças que apresentem sintomas associados à Covid não poderão entrar no estabelecimento. A decisão foi sofrida. “Houve uma desresponsabilização da autoridade de saúde. Como não tiveram capacidade para lidar com todos os casos positivos, chutaram a bola para os encarregados de educação e para as escolas”, acusa a educadora.

As três filhas de Ana Rocha só regressaram à escola esta semana. Matilde, de 15 anos, testou positivo na primeira semana de aulas e esse foi o primeiro de muitos testes. “Na quinta-feira dessa semana de aulas uma colega testou positivo e ela fez um autoteste que deu negativo”,

HÁ ESCOLAS QUE CONTINUAM A INFORMAR O DELEGADO DE SAÚDE QUANDO SURGEM CASOS POSITIVOS



ID: 97291463

03-02-2022

conta a mãe, Ana Rocha. Mas no sábado, a adolescente ficou doente com dores de cabeça e dores no corpo e fez novo autoteste: positivo. "Nesse dia, a Matilde fez um antígeno na farmácia para podermos ter um documento para apresentar na escola." Três testes em três dias.

Testar quando há sintomas

As irmãs seguiram o mesmo destino. "Quando a Matilde fez o antígeno, fomos todas testadas e o resultado foi negativo." Mas não por muito tempo. Na segunda-feira seguinte, Ana Rocha sentiu-se mal e deu positivo. "Fui com as mais novas à farmácia fazer outro antígeno. Eu dei positivo, elas negativo."

A mais nova, Maria Inês, de 4 anos, ficou congestionada na quinta. Novo autoteste, seguido de antígeno: positivos. "A mais nova já não consegue ver um cotonete, começa logo a chorar." A experiência não se irá repetir tão cedo. "Elas agora têm imunidade, não precisam de ser testadas sempre que há um caso positivo."

A testagem maciça é "reflexo do medo sentido pelos pais", segundo Miguel Prudêncio, parasitologista do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, em Lisboa. Um medo amplificado pela variedade de formas de atuar das escolas. "Era fundamental que houvesse uma uniformidade. Diferentes procedimentos criam confusão e situações de desigualdade." A testagem é também um exagero. "Tendo em conta o nível de

Novas regras

Só os alunos positivos ficam em isolamento

A Direção-Geral da Saúde aliviou as regras de combate à Covid nas escolas. Só o aluno infetado fica em isolamento, por sete dias, se não tiver sintomas, 10, se tiver. Os colegas devem estar **atentos a sintomas**, e fazer um teste PCR ou antígeno até ao terceiro dia de contacto. Mas isso não é obrigatório.

Falsa segurança

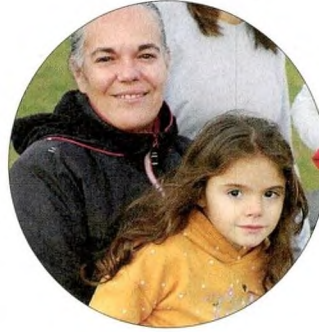
É o que os testes de antígeno podem dar aos pais porque só avaliam aquele momento, avisa Jorge Ascensão, da Confederação Nacional de Associações de Pais



89,3 por cento

O nível de população vacinada em Portugal permite que o País comece a tratar a Covid como uma constipação, defende o investigador Miguel Prudêncio

"ASSIM QUE ME SENTO COM ELE NA CADEIRA, JÁ SABE O QUE VEM AÍ E COMEÇA LOGO A ESPERNEAR", DIZ A MÃE DE VASCO



14 dias em isolamento

As três filhas de Ana Rocha ficaram infetadas na primeira semana de aulas. Só regressaram à escola a 31 de janeiro

vacinação no País, só as pessoas com sintomas deveriam ser testadas", defende. "A testagem indiscriminada deteta casos assintomáticos e o isolamento vai impactar o processo de aprendizagem dos alunos."

Foi o medo que a Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas tentou colmatar

quando, juntamente com a Associação Nacional de Farmácias, levou os testes até às escolas. "Quisemos dar confiança aos pais e as farmácias vão às escolas realizar os testes, no âmbito dos quatro testes gratuitos comparticipados pelo Estado", explica o presidente, Filinto Lima.

Mas não é confiança que alguns pais sentem. "Mando os meus filhos para a escola a saber que há alunos positivos porque a escola não informa os pais", acusa Nádia Lemos. Há duas semanas, ela e os três filhos adolescentes ficaram em isolamento depois de os miúdos terem testado positivo. "Eu fiz um teste, porque tive resultado negativo. Mas eles não - ao fim dos sete dias puderam ir para a escola sem fazerem teste. Como é que sei que eles não estão positivos ainda", questiona. "Estou a pôr em risco os meus filhos e os outros alunos." ■